

“ONDE O GRITO ESFAQUEADO SEMENTEIA OS SILÊNCIOS” – AS PROPOSTAS EDITORIAIS E A CONSEQUENTE LACUNA CRÍTICA QUANTO À TRAJETÓRIA ESTÉTICA MARIOJORGIANA

Thiago Martins Prado
UFBA

“Confirmando o firme caminho onde ando à procura da trilha que desembocará no dia mais humano e real que virá quando a palavra lavrará a liberdade e o canto no coração desse povo e no ventre da história”. Assim estava escrita a dedicatória¹ que Mário Jorge cedeu a Jackson da Silva Lima em sua única publicação individualizada antes de seu falecimento, *Revolução*. Nenhuma recepção crítica, nesta conjuntura, nem mesmo aquela que estivesse próxima do processo criativo de Jorge, poderia apontar os três vetores de transição compositiva que se encontravam remanescente ou latencialmente conjugados no livro-envelope de 68². Algumas derivantes da metodologia e da motivação compositivas de Mário Jorge – a) a opção sócio-política, um resquício temático herdado da postura da tradicional lírica discursiva sergipana desde os anos 30³, inserida pelo desfecho semântico do recolhimento das áreas vocabulares urbana e rural na práxis política e pela citação maiakoviskiana na introdução do organograma; b) a crença no regimento dos sintagmas inter-relacionados como porte fundamental para a evolução histórica, que também pode ser reinterada pela dedicatória deixada a Silva Lima e pela simbologia utópica da comunicação através do livro-carta; e c) a concepção artesanal por meio da tipologia do papel chumbo – harmonizam-se no envelope, que se criva, embora se perceba a predominância do rigor

¹ Documento xerografado e gentilmente cedido à pesquisa por Jackson da Silva Lima

² Somente o ensaio escrito por Vinicius Dantas há oito anos após *Revolução* pôde sugerir que havia aspectos no livro-envelope tendentes ao desenraizamento doutras disciplinas no plano da futura criação mariojorgiana – tal observação deve-se à interpretação que o crítico deu a boa parte da produção, na época, inédita de Mário Jorge arquivada por Ivone Menezes Vieira. DANTAS, Vinicius. O marginauta Mário Jorge. In: *Revista de Cultura Vozes janeiro-fevereiro de 1976*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976. p58-61

³ José Sampaio, Enock Santiago Filho e José Amado estão entre os principais representantes da linha do humanismo revolucionário

estrutural vanguardista, entre três projeções estéticas: o realismo social, a práxis e, em menor grau, a proximidade da marginália editorial.

Em meio a parca produção institucionalizada do poeta em vida (*Revolução* e textos poéticos esparsos em periódicos), podendo ser, em parte, explicada, num primeiro momento (64/66), pelo encaminhamento duma censura tipográfica, e, num segundo (70/73), pela introjeção a uma alternativa de periferia artesanal de vestígios processistas não adaptada ao mecanismo usual de edição, vários organizadores tentaram estabelecer formatações póstumas que defendessem um imaginário de objetivações estéticas ou divulgassem uma panorâmica que abarcasse diferentes concepções artísticas em Mário. A implantação dessas coerências editoriais aos manuscritos mariojorgianos, ao pretender suprir um abismo quanto ao procedimento produtivo dum escritor reconhecido pelas manifestações de propaganda experimentalista à poética sergipana e pela liderança política até anos finais da década de 60, gerou, trazida pela sujeição a uma compensação de disciplinas poéticas heterogêneas, muitas vezes, irregularmente enquadrada, ou pela recolha duma fase específica da execução compositiva do autor, uma outra variante à mesma lacuna crítica: a interpretação e a intenção do editor *versus* a probabilidade de remontagem do percurso artístico de Mário Jorge.

A montagem do suplemento da *Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS)*, com uma tiragem de 2000 exemplares, em 1980, privilegiou parte da prosa de Jorge confeccionada entre os anos de 68 e 69, um desbunde satírico às convenções sócio-culturais, e da semiótica poesia de 70 a 73, uma figuração dum isolamento místico. Apesar da arte-final, responsabilizada a Ilma Fontes, sugerir uma configuração que se assemelhe à interatividade visual espontânea dos 2 números de *Toke*, que Mário Jorge aparece como um dos editores, fazendo-se, aqui, uma ressalva que o tipo de desprendimento compositivo do jornal era uma conjugação de (re)elaboração coletivizada entre os seus diversos autores, o paralelismo complementar dessas composições, inicialmente autônomas, numa mesma página apresenta a

inserção duma tática de inter-relacionamento estrutural que se contrapõe ao método formal do processismo que as poesias já se sujeitavam estando originalmente desvinculadas entre si.

O empreendimento de relações somatórias edificadas pelo escopo poemático de variados autores e áreas levantadas, uma ambição praxista de nivelamento duma orientação social, fora criticado pelas proposições dos métodos processuais, que condenavam a programada fixidez mecânica de estrategização de signos. Contudo, mesmo dentro da mobilização processo, firmadora de coeficientes informacionais, através do projeto de poema inacabado, para a arquitetura de versões dos consumidores-leitores transformados em emissores-constituintes de exploração de possibilidades físicas no poema, é preciso afirmar que os traçados mariojorgianos de 70 a 73 são derivados da descentralização trazida pela abertura serial das criações processuais – resguarda-se uma técnica residual processista. Embora ambos procedimentos substituam um princípio de hierarquização estética em prol duma noção funcional, o processo de Mário dispensa a redutibilidade do coeficiente, adequando o movimento interpretativo dos traços a um estreitamento indutivo, reconhecível, uma atmosfera metafísica é ocasionada pelos rastros duma simbologia mística. Além disso, o otimismo da carga comunicativa e a aposta desenvolvimentista introduzidas pelo manifesto do poema-processo, onde é enunciado: “*novo humanismo/ com o racional não haverá fome no mundo*” e “*a manifestação serial e industrial da/ civilização técnica de hoje*”⁴, são trocadas pela distopia na informação e pelo isolamento místico, não reformador.

Algumas das composições de 70 a 73 evoluem, minoritariamente, a uma ironia quanto ao próprio resvalar-se transcendente, presente, também nalguns poemas do suplemento⁵ - o que faz com que Vinicius Dantas, no artigo *O Traço e os Significados*, produzido para a *Gazeta de Sergipe* de 2 de fevereiro de 1973, logo após a morte do poeta,

⁴ Poema -Processo: Proposição (anexo8). In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Impressões de Viagem; CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. p174 -175

⁵ “*Marginauta inútil de nuvens apenas sonhadas entre as pulgas no cabêlo*” – texto retirado dum poema visual. In: JORGE, Mário. *Mário Jorge (in memorian)*. Aracaju: SCAS/ Subsecretaria de Cultura e Arte, 1980. p4

precipite-se em relatar que “*Mário percebe os sinais da cultura e sem vislumbre místico; escolhe signos de Umbanda, sinais astrológicos e outros dados que funcionam, apenas, pelo essencial do traço*”. Entretanto, a constatação da predominância à submissão duma semiologia divinal das produções deste período, provoca uma reavaliação crítica de Dantas, que retorna, no prefácio de *Cuidado Silêncios Soltos*, comentando: “*a religiosidade renasce do desespero, em meio a alegorizações, o exílio da linguagem parece conferir e atribuir ao poeta dotes mediúnicos*”⁶. A ausência duma nota de organização no suplemento deu, igualmente, vazão ao conflito entre a previsibilidade e a sátira das passagens místicas operadas.

Coube a Ivone Menezes Vieira, mãe do poeta, a sistematização das composições iniciais (64/66), no livro *Poemas de Mário Jorge*, de 1982. Uma maior parte dessas caracterizam-se pela apropriação de noções impostas pelo realismo social, como o sacrifício artístico engendrado pela discursividade panfletária, uma tática de conveniências de categorias lingüísticas às modulações de códigos populares com o propósito dum preenchimento semântico-revolucionário facilmente assimilado. Uma outra parte atenua, por meio da perplexidade diante dos desajustes sociais e da desconfiança quanto a fragilidade das estratégias de partilha de mensagens como complementos superestruturais de preparação para a tomada da base material, o otimismo reformista, e trunca, cada vez mais, o efeito de soltura da programada oratória participativa, aproximando-se da poética de reavaliação de Eunaldo Costa. Excetua-se desse corpo estético duas poesias situadas nas páginas 52 e 87, que mostram evidente influência concretista.

Nesta organização, conta-se com uma perspectiva de retomada do Mário político, assinalada, já na parte introdutória do livro, pelo prefácio dum companheiro dos anos pretéritos de discussão de estratagemas para a sociedade – Wellington Manguiera, pela

⁶ DANTAS, Vinicius. Apresentando Silêncios Soltos. In: JORGE, Mário. *Cuidado Silêncios Soltos*, 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993 (Coleção Matéria de Poesia). p07 -15

portaria que exige do poeta o seu afastamento definitivo dos estabelecimentos de ensino público por desarmonia social e ideológica, por dois discursos humanitários do autor em 64 e 65 e pela localização do homem histórico através da sequência cronológica de fotos. Mangueira, ao atribuir toda a vivência mariojorgiana como uma representação de choque sócio-político, inclusive o estágio de obscurecimento místico, e asseverar um condicionamento poeticamente engajado mesmo depois da ida a São Paulo (o que será contradito pela observação de Dantas, no ensaio prefacial de *Cuidado Silêncios Soltos*, afirmando o encontro do poeta com os experimentalismos do desbunde e das vanguardas na capital paulista), contribui para uma generalização política à imagem de Jorge. Acontece que artigos, imbuídos por essa imagem, como os de Paulo Barbosa de Araújo, *Mário Jorge: Quanta Falta!*, para a *Gazeta de Sergipe*, e de José Paulino da Silva, *Eu Quero Sentir a Vida*, para a *Folha da Praia*⁷, atenderam à reivindicação dum referencial para a tradicional lírica participativa sergipana que, depois de ter chegado ao seu auge, no início dos anos 60, com a publicação do compêndio organizado por Austrogésilo Santana Pôrto⁸ combinada à divulgação do anteprojeto de arte cepecista de 62⁹, se desgastou pela eficácia da censura e pela constante depuração dos reexames de linguagens e posições.

Em resposta a essa rotulação política, houve uma urgência para a publicação de *Cuidado Silêncios Soltos* (1983), que estava sendo organizado com o anterior título de *Vômitos Coloridos* desde de 75 por Vinicius Dantas, como indica o seu artigo *O Marginauta Mário Jorge* na *Revista Vozes* do primeiro bimestre de 76. Na proposta defendida pelo editor, há mais uma organização panorâmica que diacrônica embutida às produções de Mário, contudo, apesar de reconhecer as poesias engajadas do período de criação inicial do poeta,

⁷ Os recortes de jornais foram xerografados e gentilmente cedidos à pesquisa por Ivone Menezes Vieira – todos poderão ser encontrados em seu arquivo particular

⁸PÔRTO, Austrogésilo Santana(org.). *O realismo social na poesia em Sergipe*. Aracaju: Livraria Regina, 1960

⁹ Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura, redigido em março de 1962 (anexo1). In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de *Impressões de Viagem; CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. p121-144

Vinicius as retira por razão do seu julgamento perante a ortodoxia literária da esquerda dos anos 60 e do conjunto, quase exclusivo, já dado a essas composições em *Poemas de Mário Jorge*, como aponta a sua própria apresentação ao *Cuidado Silêncios Soltos*. A primeira edição divide-se em sete seções configuradas por sua cronologia (pesquisada através das datações documentais e traços estilísticos), por seu tema, pela importância da produção examinada pelo crítico (em seu aspecto limítrofe ou referencial) e por registros de pensamento estético do autor: O marginauta (70/73), com ausência de cores (apenas o poema da página 81 as possui) e efetivação de algumas transcrições que empobrecem a característica artesanal das composições; Natáis (67/72), uma seleção temática; No país dos Almargados (69), novela psicodélico-experimental; Entre sim e não (67/70), poesias com influxos derivados da práxis e do concretismo mais uma historieta publicada num jornal pornográfico da Faculdade de Direito da UFS; Revolução (67), com papel manilha para insinuar os papéis chumbo utilizados no livro-envelope; Anotações para crítica (67/69), rascunhos sobre opiniões artísticas de Jorge; e Documentário (67/70), entrevistas e artigos do escritor na *Gazeta de Sergipe*.

Dez anos após, a segunda edição do livro, com o remanejamento da organização, invisibilizando muitas das separações e dotando-se duma maior potencialidade visual (com acréscimo da exposição de manuscritos e das diversas cores) que a Editora da UNICAMP em 1993 tinha em relação à Gráfica J. Andrade em 1983, retornou a impressão da marginal interatividade semiótica de muitos poemas, que estavam oprimidos pelo rigor da divisória estrutural gerada pelo editor. O corte do bloco Anotações para a crítica, que se concentra num período em que Mário vinculava-se aos projetos vanguardistas, retira, igualmente, uma noção de disciplina da radicalidade experimental, auxiliada pela arquitetura da primeira edição e, contraditoriamente, já descartada desde a explanação do organizador no texto em *Vozes*, de 1976.

O prefácio de Vinicius Dantas, com a indicação de dramatização do real e, posteriormente, do afastamento do mundo, traz novas observações para um entendimento da experiência poética mariojorgiana. Do primeiro, pode-se afirmar que a obsessão pela integridade do real, advinda das correntes estruturalistas, que evoca a imparcialidade do signo lingüístico para a equivalência com as coisas reais objetivando transformá-las, é resvalada por meio de seqüelas líricas entre ruínas sintáticas – tradução dum desligamento com a discursividade do realismo social e duma adesão às propostas das vanguardas, de modo, parciais; do segundo, que a descrença em relação às utopias edificadas pela complementariedade da informação origina um descontentamento quanto a própria inserção do sujeito na linguagem, na cultura, o que dimensiona os poemas de Mário Jorge a uma fixação num apriorismo dos símbolos místicos (algumas poucas escarnecem com essa mesma crença, rearticulando-a como mais uma variante cultural). A essa evolução, Vinicius, em *Apresentando Silêncios Soltos*, declara que “os resultados me parecem parcoss, sobretudo daqueles textos que perderam o non-sense, desarmaram o paradoxo e se renderam à vidência metalingüística”, incutindo a falta de ênfase dessa rendição transcendente para as críticas como a de Gilfrancisco, *A poesia marginal de Mário Jorge*, para o *Jornal da Cidade* de 15 de novembro de 2000.

Sobre *De repente, há urgência...* (1998), edição realizada com certo imediatismo para uma rememoração dos 25 anos de passamento do poeta, comprovado pela presença duma poesia na página 21 correspondente à da página 22 de *Poemas de Mário Jorge*, mesmo depois do ineditismo anunciado na nota explicativa e pelo erro da tipografia editorial (constatado frente ao manuscrito) duma concordância nominal na página 27, enquanto só se tinha 19 textos para a transcrição, nenhuma resenha considerável foi traçada. O livro, organizado por Ivone Menezes Vieira e Mara Rúbia Lopes, é composto por 19 poesias discursivas dos anos de 64 a 66, pelas quais a mãe do autor resguarda evidente preferência,

por 5 poemas visuais, preenchidos, agora, pela autoridade que Dantas os deu em *Cuidado Silêncios Soltos*, e por breves apresentações de ordem biográfica e explicativa sobre a seleção dos poemas¹⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Arquivo particular de Ivone Menezes Vieira

JORGE, Mário. *Revolução*. Aracaju: s/ed, 1968

_____. *Mário Jorge (in memorian)*. Aracaju: Sociedade de Cultura Artística de Sergipe/ Subsecretaria de Cultura e Arte, 1980

_____. *Poemas de Mário Jorge*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, s/data

_____. *Cuidados Silêncios Soltos*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, s/data

_____. _____, 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993 (Coleção Matéria de Poesia)

_____. *De repente, há urgência...* Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, s/data

PÔRTO, Austrogésilo Santana (org). *O realismo social na poesia em Sergipe*. Aracaju: Livraria Regina, 1960

SAMPAIO, Aluysio Mendonça. *Em busca da manhã: a poesia de José Sampaio*. São Paulo: Carthago Editorial, 1996

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem; CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980

_____ et GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985

MATTOSO, Glauco. *Poesia Marginal*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época; poesia marginal anos70*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981

_____. *Contracultura*. São Paulo: Nova Cultural/ Editora Brasiliense, 1986

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio et CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta – textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

¹⁰ O título desta comunicação foi retirado dum documento-autógrafo do livro *A noite que nos habita*, que está em planos de publicação.

MENDONÇA, Antônio Sérgio Lima et SÁ, Álvaro. *Poesia de vanguarda no Brasil – de Oswald de Andrade ao poema visual*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983

MAIAKOVSKI, Vladimir. *Poética*. São Paulo: Global, 1991 (Coleção Pegasus)